

09-09-2024

Madame Satã: artista, malandro e viado bom de briga (Parte 2)

Heliano Crisalvo Jordão

[Militar aposentado. Enfermeiro]

Ao pesquisar sobre João Francisco dos Santos, o Madame Satã, foi possível observar algumas características deste personagem e também da sociedade da época, como os conceitos morais propagados que tentavam impor, a gritante falta de políticas públicas, a exclusão dos mais pobres... Somadas ao conjunto de conceitos de moralidade e normas sociais que moldavam superficialmente a sociedade, empurravam-se à marginalidade todos aqueles que não se enquadravam no modelo, seja por não os seguirem ou, principalmente, por não terem acesso às informações além do seu meio de convivência. Um exemplo bem destacado em uma das fontes utilizadas é o período em que vive Madame Satã, pós abolição (1888) e recém republicano (1889). A libertação dos negros não os inclui na vida pública e não oferece qualquer amparo, dando preferência à mão de obra europeia que imigrava para o Brasil. O Estado "promovia" a marginalidade com a errônea intenção de combatê-la, pois criava leis que agiam diretamente na consequência e não na causa do problema. "...No decreto Nº 847, de 11 de Outubro de 1890, especificamente no capítulo XIII referente aos vadios e capoeiras, fica nítido o tratamento do Estado para com as populações pobres e pretas: Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes (BRASIL, 1890)." Madame Satã construiu sua fama de malandro sem se fingir hetero. Sua condição de gay não era negada nem exaltada, pois, se nos palcos ele atuava travestido, nas ruas não admitia estereótipos. Em entrevista ao Pasquim além de se assumir a sexualidade faz questão de destacar que não aceitou o apelido de imediato. "... quando perguntado por Sergio Cabral sobre se ele se considerava mesmo homossexual, Madame responde sem titubear: "sempre fui e sempre serei" (2) "...Eu não queria ter apelido de bicha porque achava que assim eu estava me declarando demais e bronqueei muito mesmo. Cheguei a ponto de dar umas bolachas nos primeiros que me chamaram pelo nome de Madame Satã. Mas isso só piorava a situação... E então fui me conformando aos poucos. E mais tarde comparando o meu apelido com os apelidos das outras, eu vi que o meu era muito mais bonito. E marcante." (3) Isso em um período em que o homossexualismo era tido como imoral, depreciativo e constava, inclusive, na ficha criminal, conforme o boletim policial após uma confusão em que Madame Satã foi impedido de entrar no Cabaret Brasil, por não usar roupas adequadas : "é um indivíduo de estatura modesta e aparenta gozar de boa saúde. É conhecidíssimo na jurisdição dessa DP, como sendo desordeiro, sendo freqüentador costumeiro do Largo da Lapa e imediações. É pederasta passivo, usa as sobranceiras raspadas e adota atitudes femininas alterando até a própria voz..."

...Entretanto é um indivíduo perigosíssimo, pois não costuma respeitar nem as próprias autoridades policiais. Não tem religião alguma. Fuma, joga e é dado ao vício da embriaguez. A sua instrução é rudimentar. É solteiro e não tem prole. É visto sempre entre pederastas, prostitutas e outras pessoas do mais baixo nível social." (4)

Um curioso e intrigante "motivo" das perseguições policiais é que os gays detidos eram usados para fazer serviços do tipo domésticos, como faxinar as cadeias durante o tempo que estivessem detidos:

"...Mas o que devia fazer? Tornar-me um covarde só para satisfazer as pessoas deles? Deixar que fizessem comigo o que faziam com as outras bichas que viviam apanhando, e eram presas todas as semanas, só porque os policiais achavam que as bichas deviam apanhar e fazer a limpeza de todos os distritos? E de graça. Não, eu não podia me conformar com a situação vexatória que era aquela. Eu achava que ser bicha era uma coisa que não tinha nada demais. Eu era porque queria, mas não deixava de ser homem por causa disso. E me tornei bicha por livre vontade e não fui forçado pelos outros..." (5)

Humilhação e abuso que Madame Satã se recusava a aceitar.

.....

Importante destacar a sagacidade da turma do Pasquim em entrevistar Madame Satã, não por defenderem a causa gay, algo que na época ainda não estava em discussão no Brasil. Atores, artistas brasileiros, assim como a sociedade, preferiam o anonimato das relações homoafetivas dentro dos "devidos armários"... Com isso houve o rompimento com conceitos dos próprios entrevistadores, a exemplo do próprio Millor Fernandes que se referia a Madame Satã como

"...o homossexual mais macho que já houve na história do rio..." (6)

Havia uma certa necessidade de destacar a masculinidade. A entrevista no Pasquim também tinha um cunho subversivo que confrontava o regime de forma sutil. Driblava a censura, não exaltava ícones da luta socialista, porém dava destaque aos que rompiam determinados conceitos, como a entrevista de Rogéria. Mas, no caso de Madame Satã era total o confronto com os conceitos morais em todos os sentidos possíveis: filho de ex-escravos, preto, pobre, malandro, viado e ainda batia em policiais, um rompimento escrachado, hilário e muito inteligente. Nas fontes consta que, em 1928, Madame Satã participou do espetáculo Loucas em Copacabana, interpretando a Mulata do Balacochê. Em 1951 interpretou Carmem Miranda, em 1974 interpretou o diabo em Lampeão do Inferno. Alguns livros foram publicados com suas histórias: *Memórias de Madame Satã* (Sylvan Paezzo) e após sua morte, em 1976, *Madame Satã com o diabo no corpo* (Rogério Durst). Além das peças e livros a Escola de Samba Lins Imperial desfilou no Grupo de Acesso, em 1990, com o samba Madame Satã, que a levou ao Grupo Especial.

O Pasquim, após sua morte, publicou seu obituário e seu registro criminal no Instituto Félix Pacheco: 27 anos e 8 meses de prisão, 13 agressões (Código Penal art. 129), 4 resistências a prisão (art. 329), 2 recepções de furtos (art. 180), 2 furtos (art. 155), 1 ultraje público ao pudor (art. 233), 1 porte de arma (art. 19). (6)



João, o Madame Satã, a Rainha da Lapa, um homem de seu tempo que se destacou por ser o que era. Talvez não tenha feito o que queria, mas aprendeu a fazer o que tinha que ser feito, fazia do seu jeito, improvisava e provavelmente arquitetava quando tinha possibilidade.

Rompeu com todos os paradigmas, inclusive com alguns que são repetidos até hoje... Como se explica uma vida tão longa de alguém tão confrontador no sentido real da palavra.... Como falar de alguém com sua autenticidade, viver em período difícil e ter uma vida tão agitada, inquieta? A resposta pode estar na sagaz pergunta na entrevista que coroou sua trajetória e deixou registrado Madame Satã na história, da Lapa, do Rio de Janeiro, do imaginário popular, nos anais da Coluna Opinião e seja lá onde mais for...

“...E quando perguntado por Millôr Fernandes no Pasquim se mesmo com todas as lutas ele se considerava um homem feliz, ele respondeu:

“Eu fui sempre um homem muito feliz porque, graças a Deus, eu fui sempre um sujeito de muita saúde.” (7)

■ ■ ■

Fontes: Madame Satã, João Francisco dos Santos: O Rei e a Rainha da Lapa (1900-1976) Hiago Feitosa da Silva - (1), (2), (7).
O Pasquim e Madame Satã, a “rainha” negra da boemia brasileira* James N. Green - (3), (4), (5), (6).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.